

A GESTAÇÃO ETNOLINGUÍSTICA DOS BENDITOS A PARTIR DA MEMÓRIA IBÉRICA

Lucrécio Araújo de SÁ JÚNIOR* -

Resumo: É na perspectiva linguística das vozes como matrizes da memória e do imaginário que se pretende analisar os mecanismos que fundam a estrutura performativa da voz poética do bendito; as observações deste estudo estão centradas, portanto, na voz circunstancial e na fenomenologia da recepção. A partir do levantamento de tradições religiosas portuguesas evidencia-se que alguns cânticos foram transportados para o Brasil Colonial na diáspora portuguesa, através das correntes da oralidade e da memória. Ao chegar ao Brasil esses textos sofreram, dentro do processo de trocas simbólicas, grandes permutas e combinações.

Palavras-chave: bendito; texto; memória; imaginário social.

Abstract: *It is in the linguistic perspective of the voices as arrays of the memory and the imaginary that it is intended to analyze the mechanisms that underlie the performative structure of the poetical voice of the bendito; the comments of this study are focused, therefore, on the circumstantial voice and the phenomenology of the reception. From the survey of Portuguese religious traditions it is evident that some songs had been carried to Colonial Brazil in the Portuguese migration, through currents of the orality and the memory. When arriving in Brazil, these texts have suffered, inside the process of symbolic exchanges, great permutations and combinations.*

Keywords: *Bendito. Text. Memory. Social. Imaginary.*

Introdução

Neste trabalho, a abordagem está centrada na observação do canto popular religioso denominado *bendito*, com o intuito de apontar características que possam

perceber a influência da *memória ibérica* na formação desse gênero. A partir do levantamento de tradições religiosas portuguesas evidencia-se que alguns cânticos foram transportados para o Brasil Colonial na diáspora portuguesa, através das correntes da oralidade e da memória. No Brasil e em Portugal esses textos sofreram, dentro do processo de trocas simbólicas, grandes permutas e combinações.

A configuração dos benditos não se dá apenas pela absorção do canto elaborado pelos clérigos na Igrejas. Os povos ibéricos tiveram um papel fundamental para construção histórica dos ritos religiosos populares. Vale observar que muitas das práticas religiosas em Portugal, ainda na época da colonização, eram contrárias (e ainda são) aos ritos oficiais da Igreja católica, até capazes de promover sua reversão.

Na linguagem dos benditos brasileiros temos elementos genuinamente brasileiros e muito da memória ibérica. Ainda hoje em Portugal os cantares populares religiosos são repassados de intensa emoção e de fervor religioso, sejam eles mais austeros e arcaicos ou mais ligeiros. A religiosidade do povo da região Trás Montana é bem evidente em todas as suas manifestações.

Em Portugal são muitos os trabalhos que revelam a prática do canto popular religioso nas celebrações cíclicas dos ritos das sociedades mais afastadas dos grandes centros (cf. Galhoz, Lopes Graça, Giacometti, Leite Vasconcelos e outros). Em toda Portugal, mas principalmente no Norte e Nordeste Português, nas aldeias e mesmo nas cidades do Minho e da região de Trás-os-Montes a religião dita popular tem a sua própria linguagem e os seus ritos são, outras formas que não as da religião oficial da Igreja Católica.

Os cantos são elaborados e convencionais, emotivos e espontâneo, sobre os cantares das mulheres do Minho, podem ser referidos os trabalhos “de favor” para as tarefas agrícolas e outras que exigiam muitos braços. Em Braga, Bragança, e Miranda do Douro, precisamente os cantares fazem parte da manifestação devocional. Por exemplo, no Canto da Ladainha para Nossa Senhora da Serra, pede-se pela proteção contra o mal tempo, para gerir a vegetação das oliveiras e das quintas videiras, assim como pela vida dos que cá ficam na terra.

* Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – Campus João Câmara. Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFPB com estágio na Universidade de Lisboa. Email: lucrecio.sa@ifrn.edu.com

Na religiosidade popular os benditos se transmitem em família, ou passam de pessoa para pessoa por meio da cadeia ininterrupta da oralidade, numa troca de experiências em que o poder da voz assenta uma orientação segura, tornando-se na sociedade um modo de pensamento e ação. *A religião do povo* é muito rica em suas manifestações. No Brasil o bendito integra a prática devocional e se assenta sobre lideranças leigas: rezadores, benzedores, curandeiros, mestres de cerimônias.

Além disso, os benditos fazem parte de todas as regiões geográficas: as pesquisas realizadas para este estudo revelam que os benditos estão em espaços territoriais definidos por certas características que dão unidade de ideias, sentimentos, estilos de vida, a um grupo populacional. Os bendito no Brasil se configuram como patrimônio cultural imaterial. Na sua linguagem, muitas comunidades revelam seus modos de vida.

Os benditos dão forte expressão regional, em particular, tornam possível o equilíbrio do desenvolvimento social, ou seja, a identidade. A tradição é o universo que tem a memória como o suporte para a transmissão de seus repertórios, mantém a necessária ativação do imaginário implicando um funcionamento partilhado pelo conjunto de indivíduos de uma sociedade.

1. A difusão da memória

Da Ibéria vieram ensalmos, benzeções, rezas, preces, formulas mágicas, já recheadas de duras resistências que englobaram o território da península e as lutas de seus povos sangrados, contaminados, decapitados para serem convertidos em cristãos. É essa gente desfeita que chega ao Brasil, povos avassalados, mas que ainda guardam no peito o sentimento de si mesmos, cuja memória o constitui como um povo em si, a crença de seus antepassados e reverberação de antiga grandeza. Como diz Vauchez (1995), muitos dos seres humanos que viveram no período medieval eram obrigatoriamente forçados a se constituírem como católicos, mas muitos desses se concebiam apenas externa e não espiritualmente. A fé não se transmuda num processo rápido, simplesmente assimilável.

No Brasil, a heterogeneidade étnica original, europeus, índios e negros, refunde a crença, ultrapassando o esforço secular da Igreja Católica. Multiplicaram-se, em

consequência, prodigiosamente, fecundando novos ritos, novas formas de fazer as celebrações em detrimento dos novos espaços teatrais. Surgem assim novas performances nos ritos, alinhavadas por memórias antigas que trespassam as dimensões dos domínios católicos ortodoxos cujo orbe objetivavam ocupar.

Mas, embora os ritos tenham assumido muitas variantes, estes não deixam de estar ligados ao padrão católico cristocêntrico. Todos os ritos subjulgam-se e curvam-se diante do Deus cristão. Mesmo com a diversidade étnica e cultural existente, as crenças nas quais os benditos estão inseridos não alcançam no Brasil um distanciamento do cânone cristão. No entanto, geram-se por prosperidade generalizável, embora sob o regime cristão, transmudam-se, integram-se atuando com o *ethos* aventureiro de transgredir a ordem, os ritos improvisam-se a cada momento. Muitos benditos e também cantigas *toponímicas e tópicas* evidenciam o deslocamento da poesia oral entre as terras lusitanas e brasileiras, o vai e vem de pessoas, colonizadores, trabalhadores e viajantes, possibilita o deslocamento do texto. Vejamos duas quadras do Cancioneiro popular de Baião – Recolhas de Carlos Nogueira (2002) que evidenciam as idas e vindas, o balanço da memória no mar...

*S'o Brasil fosse meu,
Como é do meu amor,
Eu punha no meio dele
Um baso com uma flor.*

*Se o mar tivesse varandas,
Como tem embarcações,
Ia-te ver o Brasil,
Em certas ocasiões.*

Assim como essas cantigas profanas, foram transportadas muitas músicas de caráter religioso popular, além das orações narrativas, ensalmos, benzeduras etc. O recorte de algumas cantigas e orações dos romanceiros e cancioneros listados nas referências deste trabalho evidencia o nomadismo das vozes. No entanto, não é possível demarcar ao certo quais cantos foram transportados de um lugar para outro, não se pode deixar de lado a *duração*, considerando a *movência* cultural, a lembrança e o

esquecimento (cf. ZUMTHOR, 2000). Vejamos o Cancioneiro Popular do arquipélago açoriano com as Recolhas de TEÓFILO BRAGA (1982):

Deos vos salve, casa santa
De Jesus acompanhada,
Onde está o calix bento,
Mais a óstia consagrada.

Bemdito e louvado seja
O santíssimo sacramento,
Pois ele é o pão dos anjos
E dos homens mantimento.

Oh divino sacramento
Aonde é que estaes agora?
Aonde cantam os anjos
E mais a nossa Senhora.

Da mesma maneira, temos no Cancioneiro popular de Baião, nas Recolhas de Carlos Nogueira (2002) a ilustração do seguinte bendito que foi transplantado para o Brasil,

A 13 de maio
Na Cova da Iria,
No céu aparece
A virgem Maria.

(refrão)
Avé, Avé, Avé, Maria.
Avé, Avé, Avé, Maria.

A virgem nos manda
As contas rezar;
Diz ela que o terço
Nos há-de salvar.

Avé, Avé, Avé, Maria.
Avé, Avé, Avé, Maria.

Bemdito e louvado seja
Jesus Cristo no altar
E a Virgem concebida
Sem pecado original,
... .. e o ventre sagrado
E a virgem Puríssima

Santa Maria.

No Brasil essas e outras quadras foram recebidas, conservadas e transformadas de acordo com o contexto social local. Em Poço de José de Moura, por exemplo, estão na expressão orante dos ritos locais em que gerações nascem e vivem toda a sua vida, encontrando soluções para seus problemas vitais, motivações e explicações que se lhes afiguram como o modo natural e necessário de exprimir sua humanidade e sua identidade. Na linguagem dos benditos, variações de usos e de costumes vão de uma região a outra. É aí, dentro das linhas de crenças co-participadas, de vontades coletivas abruptamente erigidas, que as coisas se dão. Assim, um patrimônio cultural de usos, atitudes e de procedimentos comuns se plasma e se transmite de gerações a gerações, emprestando sabor e congruência aos destinos daqueles que nascem e morrem, existem num mundo original.

2. A Memória Ibérica plasmada no Brasil

Como dito anteriormente, as tradições religiosas populares no Brasil se deram por meio do processo de gestação étnica europeia. Podemos falar de nascimento dos núcleos originais, que multiplicados, dinamizados, vieram a propagar os benditos.

Esses povos transplantados trouxeram consigo sua carga de memória, que se espalhou Brasil a dentro. Os iberos propagaram sua memória por meio de uma ação diferenciada dos cultos oficiais. Algumas práticas de fé mouriscas, por exemplo, ao chegar ao Brasil, plasmaram-se e uniram-se às práticas de fé africanas e indígenas e constituíram-se pela mestiçagem.

Ora, os ritos católicos já em Portugal eram difusos das práticas ortodoxas; ao longo do tempo os vemos transformar-se incessantemente. Só os ritos dentro da Igreja permaneceram Iguais em si mesmos, exercendo sua interminável hegemonia. Os portugueses que vieram povoar o Brasil, assentados num território e enquadrados dentro de um mesmo Estado para nele viver o seu destino, foram também povos dilacerados interculturalmente, cuja uniformidade religiosa quase inexistia, resultante das atrocidades que sofria a Europa medieval; esses dados não nos devem cegar, entretanto, para disparidades, contradições e antagonismos que subsistem na integração desse povo

que veio para o Brasil. A verdade é que havia uma estratificação social, os portugueses que vieram povoar o Brasil são justamente aqueles que correspondiam habitualmente a antagonismos sociais, culturais e por vezes religiosos. Dessa forma, a dilaceração desse mesmo povo por uma estratificação classista de nítido colorido econômico-cultural-religioso foi quem trouxe para o Brasil ritos variados, disformes, porque estes já estavam instaurados no seu *modus vivendi*.

Não são unânimes nem bastante definidos os conceitos de religiosidade popular. Riolando Azzi (1978) procura caracterizar o catolicismo brasileiro como luso-brasileiro, medieval, leigo, social, familiar. Essa pode ser uma definição aceitável se levarmos em consideração que tanto na Europa quanto no Brasil já na época da colonização eram poucos os clérigos diante da grande massa. No período posterior a 1759, no Brasil, após a supressão dos jesuítas percebe-se uma crise de identidade na religião dos brasileiros, *uma crise de consciência católica* como observa Hauck (1992). Para muitos leigos não há orientação advinda de clérigos, vistos como líderes comunitários que dirigiam o rebanho, a unidade de pensamento e ação religiosas; as ordens religiosas, que sob a liderança dos jesuítas exerciam o controle da Igreja no Brasil, tinham entrado em acelerada decadência; fenecem antigas práticas de piedade; conventos vazios, igrejas com a construção interrompida ou em ruínas, arte sacra em decadência, tudo indicava uma situação de crise.

Mas, na busca de novos caminhos, busca que se torna urgente e polêmica a partir de 1830, inicia-se a reforma que aos poucos toma o caminho do enfraquecimento das lideranças leigas e vai colocando nas mãos do clero o controle da devoção do povo. Mas neste ínterim, o catolicismo popular já havia se definido com suas constelações sacramentais e evangélicas; em muitos lugares as relações do homem com Deus tornam-se diretas, é o que se pode denominar de catolicismo privatizado.

Os benditos encontrados no processo de nomadismo das vozes em lugares distantes geograficamente revelam essa constituição estética. Para confirmar o processo das vozes circulares em constante nomadismo vejamos um depoimento de uma informante atualmente residente no bairro de Mangabeira em João Pessoa/PB,

Nasci na cidade de Monbaça no Ceará e me criei um pedaço no estado do Goiás, e um pedaço na Bahia... sabe, meu pai era topógrafo me criei nas estradas... um dia a gente tava no Ceará,

outro dia lá no Rio Grande do Sul... a gente andava muito... meu pai era muito religioso todo dia a gente se reunia seis horas em família pra rezar o terço, ir pra missa... não tinha missa ... essas coisas, tinha a novena de Nossa Senhora de Lourdes, minha mãe gostava muito de cantar. Não sei se nesse tempo existia adoração do santíssimo, mas minha mãe cantava umas coisas bonitas... uns ofícios de Jesus, de Santo... Meu pai gostava de cantar:

Confio em Nosso Senhor
Com fé esperança e amor
Confio na pátria primeira, com fé esperança e amor...

E tem outros que a gente canta também de antigamente, eu num lembro não... mas minha mãe gostava de cantar assim umas coisas... que era as ladainhas, a salve rainha...
Salve ó Rainha Mãe de misericórdia
Vida doçura esperança nossa...

Também ela gostava de cantar...
Salve Rainha mãe de Deus
Ó senhora nossa mãe...

Minha mãe cantava muito... a ladainha ela cantava, ela fazia as novenas do mês de maio nas casas...
Kirie eleison
Chisrti saudinós
Espírito santo é deus – miserere nobis
Santa Maria
Santa degenitrix
Santa Virgo Virgo ... Rogai por nós...

M. A. Carlos (57 anos)

Confirmando que os benditos fazem parte de ritos espalhados em todo o Brasil, se faz necessário mencionar uma pesquisa realizada por Van der Poel no sertão de Minas Gerais apresenta o nomadismo das vozes dos benditos nos seguintes lugares: Almenara, Araçuaí, Diamantina, Cachoeirinha, Itaboim, Itinga, Novo Cruzeiro, Pedra Azul, Ritapólis, Salto da Divisa, Visconde do rio Branco. Da mesma maneira, Edilberto Trigueiros n'*A língua e o folclore da Bacia do São Francisco* (1977) apresenta uma série de benditos para pedir chuva e outros para ocasiões especiais, procissões e novenários,

A procissão tem por teatro os lugares mais ermos da cidade ou vila. A lúgubre procissão organiza-se em duas alas, indo à frente, rompendo a

marcha, um penitente com uma cruz alçada e um outro tocando uma matraca. Ao som desta, desloca-se o cortejo, lentamente, até chegar à primeira estação, onde todos se prostam, de joelhos, ao tempo em que, cessando a matraca de soar, um grupo de seis penitentes se destaca, entoando o bendito que é repetido por todos em coro:

Vozes Bendito, louvado seja,
O coração amoroso
Coro É amoroso
Vozes Deus desceu do céu à terra
Padeceu por nosso amor
Coro Por nosso amor
Vozes Alevanta irmão meu
Que é tempo de penitência
Coro De penitência
Vozes Um Pai-Nosso, uma Ave-Maria
Pra Sagrada Morte e Paixão.
Coro De Jesus Cristo
Vozes Um Pai-Nosso, uma Ave-Maria
Pras armas do sumitero
Coro Do sumitero

Terminado o bendito, dá-se o início do peditório, implorando-se padressinhos e ave-marias para as almas dos que morreram afogados, dos que morreram de repente, dos assassinados, dos que morreram em pecado e, finalmente, para as almas dos missionários.
(TRIGUEIROS, 1977, p.132)

Em entrevistas realizadas com nativos da região do Vale do Jequitinhonha, de Medina, foi possível confirmar a mobilização dessas performances e, para além dos benditos em português, o depoimento revelou a existência do canto em latim, como Canto de Verônica, a Ladainha de Nossa Senhora, entre o Veni, o Kirie Eleison e o Agnus Dei,

Lembrando das minhas raízes recordo que o Canto de Verônica minhas primas cantavam na Quaresma, o *Veni cretore* minha mãe também cantava, O *Agnus Dei* era pra dizer o que o anjo anunciou a Maria, o *Kirie Eleison* é uma recordação do ato penitencial da missa... mamãe também recorda que estes cantos existiram... Automaticamente as ladainhas e ofícios também eram recitados ou cantados em latim. Eu não sei cantá-los, mas consigo saber de fato que os mesmos existem.

E. Mimoso (50 anos)

Nas pesquisas de Van der Poel há também registro de um bendito na região amazonense. Temos nas recolhas do pesquisador o Bendito de São Sebastião em Cajazeiras no Estado do Pará. Para além da incidência deste bendito na cidade paraense,

existem informações disponíveis na internet sobre o canto em latim em toda a Amazônia. Pesquisas realizadas pelo Instituto de Artes do Pará em doze regiões³⁹ incluem uma prospecção das atividades culturais, saberes e fazeres existentes nesta região. As informações dispostas no site do Instituto de Artes do Pará, é a seguinte:

Foram feitos registros de Ladainhas em Latim (na Região Metropolitana, São João do Araguaia e em Aveiro), Folia do Divino e Sussa (em São João do Araguaia) e Dança do Gambá (em Aveiro e Almeirim), assim como iniciados processos de transmissão de conhecimento, em parceria com a Secretaria de Justiça e Direitos Humanos, em áreas quilombolas, envolvendo as Ladainhas em Latim das comunidades de Itancoã, no Acará, e de Bom Jesus, em Cametá, além do Bambaê do Rosário, da comunidade Juaba, também de Cametá.

De acordo com as informações em Genipaúba, entre Tauerá-açu e Abaetetuba, a comunidade conserva a Ladainha – manifestação cultural-religiosa – cantada em latim que, segundo depoimentos de pessoas da própria comunidade, chegou a ser proibida pela Igreja por volta dos anos 1970.

Agora, já retomada e em pleno exercício a ladainha é feita com frequência e, com a passagem do Navegar Amazônia por Genipaúba, a comunidade convida a nossa equipe para assistir e acompanhar a ladainha. “Ficamos com um nó na garganta, emocionados com o que víamos e ouvíamos. A ladainha cantada por homens e mulheres simples da comunidade, vozes divididas em um vocal afinadíssimo”, de acordo com o relato do compositor Zé Miguel de Tauerá-açu.

Ainda na região norte, escreve Alipio Junior sobre a cultura do Amapá,

Um decreto de 1992 criou a APA (Área de Proteção Ambiental) do rio Curiaú, com uma área geográfica de 23 mil hectares, abrangendo importantes ecossistemas

³⁹ As doze Regiões de Integração definidas pelo Governo do Pará: Metropolitana, Guamá, Caetés, Capim, Tocantins, Lago de Tucuruí, Itacaiúnas, Araguaia, Xingu, Tapajós, Baixo Amazonas e Marajó. Ver o endereço eletrônico: http://www.iap.pa.gov.br/noticias/not_070108_materia04.htm

da região como as florestas e campos de várzeas e o cerrado. Residem atualmente na área cerca de 1.500 pessoas divididas em quatro comunidades - Curiaú de dentro, Curiaú de Fora, Casa Grande e Curralinho. Para essas pessoas, a preservação da beleza local é uma questão da beleza local é uma questão também de sobrevivência: é preciso manter os peixes, as garças e a graça do lugar. Com o olhar manso mas desconfiado, os moradores do curiaú lutam para preservar além da beleza natural da região, a memória dos antigos escravos trazidos no século XVII para a construção da Fortaleza de São José. Foram eles os formadores dos pequenos núcleos familiares que originaram a vila do curiaú - antigo quilombo - e demais comunidades existentes na área. Festeiras, essas comunidades encontraram na comemoração de datas religiosas uma maneira de preservar a herança afro. Esculpidas pelo sincretismo religioso, suas comemorações reúnem elementos profanos - como o batuque e o marabaixo - e religiosos como as ladainhas em latim, a procissão e a folia. Uma mostra desse sincretismo pode ser vista na tradicional festa de São Joaquim, escolhidos pelos antigos escravos como padroeiro do curiaú. Durante dez dias - 9 a 19 de agosto - as comunidades reúnem-se para cantar sob a benção católica, as ladainhas caindo, pouco depois, no ritmo quentes dos macacos - tambores feitos de tronco de macacaueiro e couro de animais silvestres.

De acordo com as informações descritas por Alipio Junior tendo o nome se originado dos termos CRIA (de criar) e MÚ (de gado), convergindo o vocábulo para CRIA-UM e posteriormente Vila de Cúriaú, situa-se a 08 Km de Macapá e se lança no Amazonas, localização esta de fundamental importância histórica. O negro está presente na história do Amapá desde o começo da ocupação em meados do século XVIII. Os primeiros chegaram à região em 1751, trazidos como escravos por famílias do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e Maranhão, que vinham povoar Macapá. Em seguida começaram a ser importados da Guiné Portuguesa, principalmente para a cultura do arroz. O maior contingente veio a partir de 1765 para a construção da fortaleza; em abril daquele ano, o governo do Grão-Pará mantinha 177 negros escravos trabalhando no forte. Alguns morreram de doenças como sarampo e malária e por acidente de trabalho. Outros conseguiram fugir aventurando-se pelo lago do curiaú. Nessa região o português Manoel Antônio Miranda mantinha propriedade, na chamada Lagoa de fora e não se

importou de acolher escravos. Também os franceses que procuravam fixar-se na margem direita do rio Araguari estimulam a formação de quilombos. Em 1862, quando a população de Macapá era de 2.780 habitantes, os negros escravos somavam 722, cerca de 25%.

No centro-oeste existe a prática do canto das incelenças nos velórios, como bem mostra Aidenor Aires no Jornal Diário da Manhã,

Mal cai o inflamado agosto, vai-se arrastando no planalto
fervido setembro. Deixou o mês aziago seu tropel de ventos,
seu parir de redemoinhos, o ar de estufa sobre a mó vivente.
Aqui, entre retalhos de floresta esquadrejada, num alto e anoso
angico, agoura uma acauã para os céus empoeirados de
Goiânia. Com sua voz de litanias e incelenças dá à tarde um
tom de aflorada infância. Canta seu verso de prístina memória,
que aos ouvidos dos avós soava como badaladas de réquiem.
“Vai à cova!... Vai à cova!... Vai à cova!”
(AIRES, 2008)

Em Goiás há também o hábito de se pedir chuva a Deus por meio do canto. Um Cd com recolhidas, lançado pelo *Estúdio Pandarus*⁴⁰, dedicado às *Encomendadeiras de Correntina*, traz uma novena com "cantos de chuva", cujos textos evocam São José e São Francisco. Destaca-se a penúltima faixa desse disco que traz uma Ladainha cantada em Latim, na qual é possível observar mudanças sofridas no texto, em função da tradição oral.

Na região Sul, algumas recolhidas realizadas em Florianópolis no Ribeirão da Ilha revelam a incidência de benditos desterritorializados; em latim há o canto de Verônica e em Português algumas outras versões de quadras de benditos misturadas com outros hinos litúrgicos. No Rio Grande do Sul existem cantos para a *via-sacra* que poderão indicar a encomendação das almas, realizados na zona rural às sextas-feiras da Quaresma. O Caderno Gaúcho No.8. descreve a *via-sacra* em Soledade/RS⁴¹:

Ao som da matraca e após o pôr do sol, um grupo ou terno de
pessoas, dirigido por um capelão, visita as casas para rezar
pelas almas. Inicialmente, a casa visitada fica em silêncio com
as portas e janelas fechadas. O capelão alterna orações cantadas
com o terno. Depois oferece preces para as almas dos

⁴⁰Informações disponíveis no site: http://www.pandarus.com.br/site/mais_noticias.htm

⁴¹ IGTF. *Folk, Festo e Tradições Gaúchas*. In Cadernos Gaúchos No. 8. Porto Alegre, Fund.Inst.Gaúcho de Trad.e Folcl., 1983. p.58-59.

enforcados, dos aflitos, dos acidentados etc. que são respondidas pelos donos da casa. Após mais algumas orações a critério do capelão, é permitida a entrada do terno somente pela porta dos fundos. Recebem um café preto, um chimarrão ou um gole de bebida alcoólica. Terminam a visita com o canto: *Bendito louvado seja/ da puríssima Conceição/ da Virgem Maria/ Senhora Nossa/ Concebida sem pecado original//* O grupo vai aumentando com moradores das casas já visitadas que desejam também fazer “penitência.

Pesquisas de Van der Poel apresentam ainda benditos e incelenças no Nordeste, em Juazeiro do Norte no Ceará, em Maracanã e São Luiz no Maranhão, em Recife, Petrolândia, Ponte dos cavalinhos e Timbaúba em Pernambuco. Em Alagoas Manuel Diegues Junior (1968) observa n’*O culto de Nossa Senhora na Tradição popular* que em Maceió, nos fins do século XIX, celebravam-se as festas marianas num lugar chamado Bebedouro, arrebalde da capital. O autor cita uma passagem retirada de um jornal alagoano datado de 30 de maio de 1888: *Mês de maio em Bebedouro. Termina amanhã este mês, todo dedicado à Santíssima Virgem Maria por suas diletas filhas* (p. 25). Diegues Junior também comenta a respeito das comemorações em Sergipe,

Em sugestivas páginas de suas magníficas memórias de sua meninice, Gilberto Amado nos fala do mês de Maria em Itaporanga, com rezas e procissões. Os ensaios para a meninada da escola sair em procissão duravam semanas, e as crianças vestidas de branco cantavam: “No céu ... no céu ... / Com minha mãe estarei”, Mas havia do lado das festas religiosas as profanas; barracas vendendo queijadas, as moças passeando pela rua. (op. cit)

No texto sobre o culto a Nossa Senhora Diegues Junior observa sobre a larga irradiação dessa comemoração em muitas as cidades e vilas, povoados e casas de família,

Orações, cantos, ladainhas cantavam-se todos os dias, encerrando-se as festas a 31 de maio com coroação de Nossa Senhora, quando o entusiasmo, a beleza, a animação atingiam o auge. Cânticos especiais acompanhavam a solenidade. O ato de coroação, geralmente feita esta por crianças, encerra a comemoração; os cantos de louvor à Maria perdem seu eco para se renovarem no ano seguinte, conservados, porém, na lembrança de todos. (op. cit.)

Diegues Junior cita a obra de Rodrigues de Carvalho e as recolhidas retiradas do que ouvia do povo. Salienta a feição rudimentarmente inocente com que o povo enfeita seu oratório, as flores para adornar o altar, os fachos de pau d'arco no terreiro e principalmente a *falta de sacerdote, pois o próprio dono da casa, ou a dona, tirava as orações*.

Na Bahia os benditos se plasmaram aos cultos africanos é o que conta Gutemberg Medeiros Costa (1959) na sua visita ao Largo da Piedade,

Recebi de uma jovem um “convite”, impresso onde se lê: “Irmã Jurema, cartomante, espírita, atende diariamente das 8:00 às 20:00 horas, inclusive domingos e feriados em seu gongá”. No referido panfleto místico de irmã Jurema vem transcrita uma oração, feita por quem não se sabe e denominada de Hei de Vnecer: “Bendita seja a luz do dia, Bendita seja quem a guia. Bendito seja o filho de Deus e a Virgem Maria”.

Sobre a incidência de benditos fora do universo católico é preciso fazer um parêntese. Sabemos que, apesar de todas as diferenças culturais e divergências de imaginários - na teologia, na pastoral, na doutrina social, na definição do sentido de presença e compromisso do cristão - o Catolicismo mantém-se como uma religião única de uma só igreja. Mas todos os outros estilos de tradição religiosa mais propriamente populares e associados seja às culturas afro-brasileiras, seja às de uma real ou suposta origem indígena, ao lado do *Espiritismo*, mais do que todas, da *Umbanda*, ocupam o círculo já francamente exterior do universo religioso. São formas de manifestação do sagrado. A pesquisa realizada aponta que cantos da umbanda foram construídos a partir de uma fusão com os benditos. As estrofes a seguir apontam para isso:

O bendito:

*Nesta casa tem quatro cantos,
Quatro anjo me acompanha,
São Lucas e São Mateus,
Jesus Cristo, Senhor Nosso.
Galo canta, Senhora adora.
Bendita seja a hora.
Sai pela porta afora
Acompanhado com Deus e Nossa Senhora*

O canto de umbanda (ponto de preto-velho):

*Nessa casa tem quatro cantos
Cada canto tem um santo
Pai e filho, Espirito Santo
Nessa casa tem quatro cantos
Eu rezo para santas almas
Acompanhado de Deus e Nossa Senhora
É ponto de preto velho
Sambauê pemba de Angola.*

Os benditos são cantos que fazem parte das religiosidades, sejam católicas ou não⁴². Numa recolha realizada em Maracanã, município perto de São Luiz em 1972 Van der Poel diz que o Canto do Divino encontrado neste lugar foi gravado em ambiente já não católico, numa tenda de espiritismo. Vale observar que esse processo de fusão não existe apenas na Bahia ou na região nordeste; nos cultos afro-descendentes em Santa Catarina existem os mesmos indícios de benditos inseridos na Umbanda. O exemplo parece mostrar que os benditos católicos juntaram-se aos recônditos próprios dos cultos negros. O povo negro uniu cantos religiosos católicos à suas crenças religiosas e práticas mágicas, na busca de consolar o seu destino e para controlar as ameaças do mundo azaroso em que submergia. Os benditos juntam-se aos valores espirituais nos quais os negros retinham seu sentimento mais recôndito de si, tanto reminiscências rítmicas e musicais, como saberes e valores identitários. Embora sejam hoje provavelmente mais poderosos do que em qualquer época do passado, os cultos religiosos afro-descendentes não abandonaram por inteiro sua relação com o catolicismo. Todo o esforço da Igreja por imprimir uma ortodoxia ao culto e ao campo social deixou suas marcas.

Ainda sobre os Benditos encontrados no nordeste, no Piauí há cantos nas celebrações de Nossa Senhora de Piripir; na obra de Pedro Silva *O Piauí no Folclore*

⁴² Para Clemente José Carlos Isnard, presidente da Comissão Nacional de Liturgia algumas das manifestações religiosas populares estão beirando a superstições ou formulações defeituosas de fé, mas são genuinamente católicas por sua origem e pela convicção dos que dela fazem uso. Contrapondo o que considera o apresentador da obra de Van der Poel é preciso dizer que a marca do catolicismo popular está justamente plasmada nessas práticas sincréticas, não há um catolicismo popular puro, ortodoxo, limpo como querem os clérigos.

(1988) temos cantos para invocação de São Miguel, Benditos para a Sagrada Família e incelenças para as sentinelas dos defuntos,

Assim, colocado o cadáver entoam-se benditos,
Minha mãe, Minha mãezinha,
Me bote a sua benção,
Qui eu vou, por aqui abaixo,
Com os joelhos pelo chão.

Findo esse canto ou mais alguns outros, é feita farta distribuição de café, antecipada de um bom gole de aguardente a todos, para afastar o sono. (...) servido o café as velhotas enchem os grandes cachimbos de barro com canudos de taquari soltando grandes baforadas de fumaça por sobre o cadaver; e antes de passá-los às companheiras limpam os canudos dos pitos cuidadosamente, apertando-o debaixo do braço. Após ligeiro descanso, recomeçam os benditos, destacando-se entre este, no gênero das chamadas incelenças, hinos do mesmo estilo.

(Silva, 1988, s/p)

Recentemente no Piauí, recolhas realizadas pelo pesquisador Adolfo Severo reuniram a tradição da zona rural em um CD duplo, com o título “Um Terço de Encanto- coletânea de rezas e benditos”. O disco é uma coletânea das rezas e benditos praticados por rezadeiras nas comunidades rurais de Poção, Boquinha, São Francisco e São Elias. As pesquisas e a produção foram feitas pelo grupo Farinha da Aldeia e as gravações foram realizadas no SL&E Estúdio de outubro de 2007 a fevereiro de 2008. A religiosidade, a fé e a cultura popular do povo piauiense são retratadas neste disco.

No estado do Rio grande do Norte, Costa (1959) e Câmara Cascudo em suas obras etnográficas e mais especificamente na *História do Rio Grande do Norte* (1984) citam a existência de benditos nas festividades religiosas no estado. Seguindo a indicação dos referidos autores, em busca de relatos orais, na pesquisa de campo se dispõe de duas informantes naturais do estado do Rio Grande do Norte que revelam em entrevista as vozes do canto,

Perto de Mossoró o padroeiro é S. João batista são nove noites de novenas, dia 24 de junho, eu participava das nove noites de novena, mas sempre fui devota de Nossa Senhora. Minha devoção é Maria. Comecei em Parnamirin Rio grande do Norte.

M. S. dos Santos (46 anos – Natural de Assu/ RN)

Acompanhei muito a missa de Frei Damião... era muito bonito... era chovendo e ele dizia não sai ninguém e o povo ficava e a chuva num pegava.... ele ia pra Igreja lá em Natal 5 da manhã, ele já tava celebrando a Missão e o povo cantando bendito.

V. R. de Mendes (66 anos – Natural de Natal/RN)

Na Paraíba recolhas realizadas por pesquisadores (as) da UFPB no início dos anos 90 apresentam benditos em todo o Estado, destacam-se as seguintes cidades: Areia, Boqueirão, Cabaceiras, Cajazeiras, Campina Grande, Espírito Santo, João Pessoa, Patos, Pedras de Fogo, Pombal, São Mamede, Serra Branca, Solânea, Umbuzeiro.

Na Paraíba, os benditos estão concentrados maciçamente no mundo rural dos sertões, onde a população se constrói sem um propósito deliberado, processo resultante de uma política demográfica espontaneísta. Fundamentalmente no Sertão, essa população se constituiu, através dos séculos, de elementos cruciais de ordenação arcaica, da dependência da economia e do caráter espúrio da cultura. Ela assimila múltiplas memórias em tradições que misturam igualmente o caráter mourisco e mestiço dos povos ibéricos aos traços afros e indígenas. Gera-se assim uma religiosidade fundada na relação do homem com o tempo e o espaço, na disciplina do trabalho consciente para todos que estão nela engajados. Seus modos de ação sobre a natureza, suas formas de organização das relações interpessoais, sua visão de mundo representam uma combinação de elementos tomados dos patrimônios culturais de cada contingente formador, selecionados por sua capacidade maior de contribuir para os objetivos comuns ou por sua capacidade de conciliar-se com eles. A religiosidade popular tem raízes mergulhadas nas matrizes culturais indígenas, africana e europeia de que seleciona seus traços circunstanciais, mas se contrapõe a todas como um estilo de vida novo, cujos integrantes olharão o mundo, se relacionarão uns com os outros e atuarão sobre o meio, de maneira completamente diferente.

Apesar das enormes distâncias entre os núcleos humanos dos currais dispersos pelo sertão deserto, o culto dos santos padroeiros e as festividades do calendário religioso – centralizado nas capelas com os respectivos cemitérios, se dispersam cada qual com seu círculo de devotos representados por todos os moradores das terras circundantes – proporcionam ocasiões regulares de convívio entre famílias de que

resultavam as festas, bailes e casamentos. Afora essa convivência vicinal e que se circunscreve aos habitantes da mesma área, o que prevalecia era o isolamento dos núcleos sertanejos, cada qual estruturado autarquicamente e voltado sobre si mesmo, na imensidade dos sertões.

As atividades pastoris, nas condições climáticas dos sertões cobertos de pastos pobres e com extensas áreas sujeitas a secas periódicas, conformam não só a vida mas a própria figura do homem do gado, do agricultor, da dona de casa. As populações sertanejas, desenvolvendo-se isoladas da costa dispersa em pequenos núcleos através do deserto humano que é o mediterrâneo pastoril, conservaram muitos traços arcaicos. A eles acrescentaram diversas peculiaridades adaptativas ao meio e à função produtiva que exercem. O sertanejo arcaico caracteriza-se por sua religiosidade singela⁴³ por seu carranquismo de hábitos, por seu laconismo e rusticidade, por sua predisposição ao sacrifício. Os benditos são memória dos povos ibéricos; como já dito, o isolamento do sertanejo possibilitou que permanecessem guardadas as fórmulas oracionais.

Últimas Considerações

No Brasil a linguagem popular dos benditos pode ser encontrada na cultura sertaneja, seja pela cultura caipira, da população das áreas de ocupação dos mamelucos, constituída, primeiro, através das atividades de *preia* de índios para a venda, depois, da mineração de ouro e diamantes e, mais tarde, com as grandes fazendas de café; seja pela cultura sertaneja, que se funde e difunde através dos currais de gado, desde o nordeste árido até os cerrados do Centro-Oeste; seja ainda pela cultura gaúcha do pastoreiro nas campinas do sul e suas variante matuta-açoriana.

Os benditos, os ritos, as cerimônias religiosas evidenciam que a formação cultural surge de forma espontânea e natural, pela integração de aspectos diversos, por vezes diferentes, mas entre si relacionados ou estreitados pelo laço comum que lhes deu base; este laço é justamente o lastro de conjunto ecológico de pessoas, aproximadas pela unidade das relações espaciais da população Ibérica, da sua estrutura econômica e das

⁴³ A religião é tão forte no sertão que atinge até o cangaço. Mesmo nessa forma de banditismo do sertão pastoril, a religião estrutura-se dentro dos bandos dos jagunços vestidos como vaqueiros, bem-armados e temente a Deus, que percorrem as estradas do sertão em cavalgadas, como ondas de violência justiceira.

características sociais. Transplantada para o Brasil essa memória gerou um tipo de cultura particular criando estilo de expressão próprio.

Os benditos se configuram de maneira diferenciada em cada sociedade, estes dizem respeito aos valores sócio-históricos de uma área geográfica específica, delimitando suas relações, seu calendário festivo-religioso cíclico, mais ou menos esporádico ou estável. Assim, os benditos estabelecem fronteiras no sentido de estabelecer um sistema de regras mais ou menos complexas que se reproduzem de geração em geração. No sistema de regras parentais, inscrevem-se num dispositivo de discriminação social entre masculino e feminino, que preside a educação dos jovens e iniciação destes na divisão sócio-sexual das tarefas cotidianas. Na dimensão dos ritos e celebrações, cada membro da sociedade, na sua casa, na medida de sua autonomia (variável com as sociedades), provê só ou em colaboração com outras aliadas (e até para certas tarefas até com todas as outras) ao trabalho de alimentação a partir da terra e aos outros cuidados cotidianos referentes à agricultura e à pecuária, havendo um sistema de troca de certos bens de prestígio social (além de subsistência, embora estes possam também ser trocados ou partilhados quando resultantes de cooperação), troca essa que faz sob forma de ‘dons’ com reciprocidade e rivalidade (deverão ser retribuídos, mas terão maior prestígio os que derem mais).

A caracterização dos benditos no Brasil parte do processo de ocupação humana, a linguagem veiculada no canto depende da base geográfica e da formação histórica de cada região, processo que desemboca no comportamento do povoador a partir das relações com o ambiente. De fato, são os aspectos *fisiográficos* que dão à comunidade subsídio para a prática dos ritos, principalmente os ritos de fertilidade que se vinculam diretamente aos recursos naturais, a água e o solo, do processo de utilização do meio – ou do que se encontra neste meio ou do que ele possibilita – para fixação dos grupos humanos. No Brasil criaram-se/criam-se práticas culturais religiosas que dão base de formação e integração dos benditos, justamente pela caracterização da personalidade cultural de cada localidade, que enquanto comunidade político-cultural repousa sobre um complexo em que entram gêneros textuais/orais de acordo com o meio. A memória dos benditos revela um tesouro de tradições; a cultura de muitos espaços geográficos encontra nos benditos uma forma de expressar seu imaginário.

Referências

- AIRES, Aidenor. *Jornal Diário da Manhã*, Goiânia: 2008.
- AZZI, Riolando. *O Catolicismo popular no Brasil*. Petropólis, RJ: Vozes, 1978.
- BRAGA, Teófilo. *Cancioneiro Popular do arquipélago açoriano*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1982.
- CÂMARA CASCUDO, Luiz da. *Literatura oral no Brasil*. 3.ed.. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.
- COSTA, Gutenberg Medeiros. *O breviário profano do povo: a religiosidade popular em forma de orações, preces e simpatias*. Natal: FVR, 1959.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel. O culto de Nossa Senhora da Tradição Popular. In *Revista Brasileira de Folclore*. No. 20. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1968. P. 17-32.
- GALHOZ, Maria Aliete Dores. *Orações de lugares recolhidas por Guerra Junqueiro*. Porto: Campo das letras. Editores S.A, 2001.
- _____. *Orações populares de Portel: recolhidas por J. A. Pombinho Júnior*. Portel: Edições Colibri, s/d.
- GIACOMETTI, Michel ; LOPES-GRAÇA, Fernando. *Cancioneiro Popular Português*. Lisboa: Circulo de Leitores, 1981.
- HAUCK, João Facundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van der; BROD, Benno. *História da Igreja no Brasil*. Tomos II/2. Vozes: Petropólis, 1992.
- IGTF. Folk, Festo e Tradições Gaúchas. In *Cadernos Gaúchos* n.8, Porto Alegre, Fund.Inst.Gaúcho de Trad.e Folcl., 1983. p.58-59.
- NOGUEIRA, Carlos. *Cancioneiro popular de Baião, Vol. II*. Amarante: Bayam Revista Semestral, 2002.
- TRIGUEIROS, Edilberto. *A língua e o folclore da bacia do São Francisco*. Rio de Janeiro: Campanha de defesa do folclore brasileiro, 1977.
- VAN DER POEL, Frei Francisco. *Deus vos salve, casa santa!* – Pesquisa de folc-música-religiosa. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.
- _____. *“Benditos”:* uma tradição religiosa oral. (não publicado) s/d.
- VASCONCELOS, J. Leite de. *Etnografia Portuguesa*. Volume I. Lisboa: Imprensa Casa da Moeda, 1980.

_____. *Cancioneiro Popular Português - III*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1983.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Educ, 2000.